

Análise setorial

Agropecuária

Agropecuária gaúcha em 2005: estiagem, câmbio e crise

Martinho Roberto Lazzari*

Economista da FEE.

Artigo recebido em 10 jan. 2006.

Introdução

As estimativas preliminares sobre o desempenho da economia gaúcha em 2005, divulgadas pela Fundação de Economia e Estatística (FEE) ao final do ano, informam que o Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul teve queda de 4,8%. Com redução de 15,2%, a agropecuária foi o setor que mais pesou no cálculo geral. A estiagem, que diminuiu o volume colhido, e a taxa de câmbio, que acabou afetando negativamente o nível dos preços recebidos, foram os principais responsáveis pela pior *performance* do setor desde 1991.

No presente texto, tem-se por objetivo analisar os desempenhos da agricultura e da pecuária gaúchas em 2005. Para tanto, no primeiro capítulo, são analisados os dados de produção dos principais grãos plantados no Estado; no segundo, abordam-se as causas dos baixos preços dos grãos; no terceiro, faz-se uma análise da pecuária gaúcha; e, no quarto, é caracterizada a crise do setor agropecuario.

1 - A estiagem condiciona o desempenho da lavoura de grãos

Após a safra frustrada do ano agrícola 2003/2004, devido a uma estiagem que perdurou, no Estado, de

janeiro a abril de 2004 e que trouxe prejuízos para a lavoura de verão, os produtores gaúchos já estavam esperançosos quando a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através de seu **Levantamento Sistemático da Produção Agrícola** (LSPA) de dezembro de 2004, previu uma supersafra de grãos de verão para o Rio Grande do Sul, estimada em 20,7 milhões de toneladas para 2004/2005.¹ Mas, já a partir de janeiro de 2005, as previsões começaram a ser revistas para baixo, em função de uma nova estiagem, que havia começado em dezembro do ano anterior e que se estendeu até março. O Conselho Permanente de Agrometeorologia Aplicada do Estado classificou essa segunda estiagem como a mais severa dos últimos 50 anos.

Os números finais da safra 2004/2005, apresentados na Tabela 1, são claros ao informar o tamanho das perdas. A área plantada com grãos teve pequeno recuo, de 2,3%, frente à safra passada, influenciado principalmente pelas reduções de áreas do milho, do feijão e do trigo. Entretanto a área efetivamente colhida² sofreu importante redução, pois 744,4 mil hectares foram declarados perdidos em razão da falta de chuva.³ Nos hectares em que foi possível colher os grãos de verão, o rendimento foi muito afetado pela estiagem, gerando, como consequência, uma expressiva redução do volume

* O autor agradece os comentários de Elvin M. Fauth, Maria D. Benetti e Vivian Fürstenau, isentando-as, no entanto, de qualquer erro porventura remanescente.

E-mail: lazzari@fee.tche.br

¹ Em números aproximados, 9,4 milhões de toneladas para a soja, 6,1 milhões de toneladas para o arroz, 5,0 milhões de toneladas para o milho e 125.000 toneladas para o feijão.

² Os dados referentes à área colhida, à área perdida e ao rendimento médio citados ao longo do texto possuem como fonte vários números do **Levantamento Sistemático da Produção Agrícola** do IBGE.

³ Uma parte dessas perdas ocorreu em função do excesso de chuvas no momento da colheita.

colhido. Se forem considerados apenas os grãos de verão sem irrigação — os mais atingidos pela estiagem —, de uma estimativa inicial de 14,6 milhões de toneladas, chega-se a uma colheita efetiva de apenas 4,0 milhões de toneladas. Quanto às culturas de inverno, houve diminuição de produção não por intempéries climáticas, mas por redução de área plantada. O resultado desse quadro foi uma safra muito aquém da esperada e também muito aquém da safra anterior, que já havia sido frustrada por outra estiagem.



Na Tabela 1, pode-se ver que a área da soja, no Estado, cresceu 4,9% no período 2004-05. Embora os preços da oleaginosa já houvessem cedido quando da decisão sobre o plantio, após atingirem seu pico em abril de 2004, o produtor resolveu continuar apostando no seu cultivo, entendendo que, apesar de já não serem altos os preços, eles ainda se mantinham em um patamar relativamente favorável, na comparação com produções alternativas, em especial a do milho. Embora o aumento absoluto de área na safra 2004/2005 tenha sido de 195,0 mil hectares, a estiagem fez com que 445,0 mil hectares fossem simplesmente abandonados, tornando a área colhida 5,9% menor que a da safra passada. O rendimento médio⁴ de 655 kg/ha representa uma redução de 53,0% em relação ao da safra 2003/2004. Como consequência, foram colhidos 2,4 milhões de toneladas do grão, o menor patamar desde 1991, sendo 55,9% menor que o da safra passada. A estiagem, num primeiro momento, e, como se não bastasse, o excesso de chuvas no período da colheita geraram grãos defeituosos e com baixo teor de óleo. Menor produção e falta de qualidade fizeram com que a indústria de óleos vegetais do Rio Grande do Sul passasse a importar parte de suas necessidades de matéria-prima de estados vizinhos e de outros países do Mercosul. Pelos mesmos motivos, houve também redução das exportações dos produtos do complexo soja (grão, óleo e farelo). Entre janeiro e novembro de 2005 e o mesmo período do ano anterior, as vendas externas da soja em grão, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC), declinaram 79,8% em volume e 82,8% em valor.

A diminuição da área plantada de milho, que prosseguiu na safra 2004/2005, está diretamente associada ao avanço da área da soja no Estado. Entre

2001 e 2005, a oleaginosa conquistou 1,2 milhão de hectares, enquanto o grão viu sua área encolher 470.000 hectares, até alcançar, em 2005, a menor área plantada em 15 anos. Esse movimento de substituição parcial de cultivos é explicado pelo comportamento dos preços relativos, que, nos últimos anos, favoreceram a oleaginosa. Em 1,2 milhão de hectares plantados com milho, a estiagem foi a responsável pela perda de 20% deles e afetou negativamente a produtividade dos restantes 80% que foram efetivamente colhidos. Como consequência, a produção no Estado foi a menor das últimas 25 safras.

Com a redução de 17,0%, a área destinada aos cultivos da primeira e da segunda safra de feijão tornou-se, na safra 2004/2005, a menor de uma série com início em 1990. Os baixos preços praticados em 2004 fizeram com que um grande número de produtores optasse por cultivos que, na época da semeadura, indicavam possibilidades de ganhos superiores, em especial a soja e o fumo. Diminuição de área e produtividade afetada pela estiagem redundaram em um volume produzido 43,9% menor que o da safra anterior.

Como a quase-totalidade do arroz gaúcho é plantada em áreas irrigadas, as estiagens que atingiram o Estado em 2004 e 2005 não afetaram tão gravemente as plantações desse grão. Mesmo assim, a severidade da falta de chuvas atingiu algumas áreas específicas, onde 48,9 mil hectares foram abandonados, fazendo com que a área colhida sofresse redução de 3,6%. Na área efetivamente colhida, houve a repetição, em 2004/2005, da alta produtividade da safra anterior, fazendo com que a produção diminuísse apenas 3,7%.

Passada a estiagem do verão, os produtores de grãos de inverno enfrentaram outro problema, que foi o baixo preço do trigo. Para entender melhor o comportamento dos preços do cereal, deve-se voltar um pouco no tempo. A cultura do cereal havia renascido, no Estado e no País, a partir da desvalorização cambial de 1999, que encareceu a importação do produto e forçou para cima os preços domésticos. O aumento da produção, que chegou a seis milhões de toneladas em 2003,⁵ não foi, no entanto, capaz de frear as importações, pois o País, como não produz trigo de boa qualidade em quantidade suficiente para atender à indústria alimentícia doméstica, teve de continuar importando o cereal de melhor qualidade, basicamente da Argentina. Ademais, a recente valorização cambial barateou novamente o produto importado, fazendo com que o preço doméstico

⁴ O rendimento médio calculado pelo IBGE é obtido a partir da divisão da quantidade produzida pela área colhida e não pela plantada.

⁵ O Rio Grande do Sul respondeu por 39% dessa produção.

se reduzisse fortemente. Em função disso, em 2005, os produtores reduziram consideravelmente a área plantada com trigo no País. No Rio Grande do Sul, os baixos preços somaram-se à descapitalização do produtor, consequência dos prejuízos com a safra de verão, para explicar a retração de 24,6% na área plantada. Como a produtividade também diminuiu, em função do menor emprego de tecnologia, a produção gaúcha encolheu 32,5%.

◆ ◆ ◆

No Brasil, segundo o IBGE, a área total de grãos teve crescimento de 1,0% na safra 2004/2005 (Tabela

2). Feijão, milho e trigo apresentaram redução de área plantada, porém a soja, juntamente com o arroz, foi a grande responsável pelo resultado positivo. A estiagem do verão de 2005 atingiu mais fortemente o Rio Grande do Sul, mas seus efeitos também foram sentidos em outros estados, notadamente em Santa Catarina e no Paraná. A menor produtividade daí resultante explica a redução da produção de arroz e milho e o crescimento apenas marginal do volume colhido de soja. Quanto à diminuição da produção de trigo, esta é explicada mais pela redução de área que pela diminuição da produtividade. No total, o IBGE estima que o Brasil tenha produzido 5,6% menos grãos que na safra anterior.

Tabela 1

Comparativo de área plantada e produção de grãos do Rio Grande do Sul — 2004 e 2005

LAVOURAS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)		
	2004	2005	Variação %	2004	2005	Variação %
Arroz	1 056 098	1 055 232	-0,1	6 338 117	6 103 269	-3,7
Feijão	142 225	118 110	-17,0	133 688	74 974	-43,9
Milho	1 303 297	1 206 119	-7,5	3 371 277	1 485 035	-56,0
Soja	3 984 337	4 179 272	4,9	5 541 706	2 444 535	-55,9
Trigo	1 120 345	844 641	-24,6	2 061 410	1 392 327	-32,5
Outras	198 956	224 505	12,8	401 774	395 677	-1,5
TOTAL	7 805 258	7 627 879	-2,3	17 847 972	11 895 817	-33,3

FONTE: LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA — Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2004. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA — Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

Tabela 2

Comparativo de área e produção de grãos do Brasil — 2004 e 2005

LAVOURAS	ÁREA (ha)			PRODUÇÃO (t)		
	2004	2005	Variação %	2004	2005	Variação %
Arroz	3 774 211	4 004 707	6,1	13 276 861	13 232 776	-0,3
Feijão	4 323 977	3 944 187	-8,8	2 965 085	3 012 009	1,6
Milho	12 797 685	12 099 461	-5,5	41 805 958	34 895 590	-16,5
Soja	21 581 091	23 413 462	8,5	49 521 531	51 138 299	3,3
Trigo	2 796 847	2 357 297	-15,7	5 726 195	4 938 327	-13,8
Outras	1 653 988	1 600 866	-3,2	3 480 429	3 024 241	-13,1
TOTAL	46 927 799	47 419 980	1,0	116 776 059	110 241 242	-5,6

FONTE: LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA — Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: IBGE, out. 2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA — Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

2 - As causas dos preços baixos

Após enfrentar os problemas ocasionados pela estiagem, o produtor brasileiro teve que se defrontar com os baixos preços recebidos na comercialização tanto dos grãos de verão quanto dos de inverno. Dos cinco grãos mais importantes do Estado, apenas o feijão apresentou elevação de preço em relação à safra anterior; os outros quatro grãos, exatamente os que representam 95,9% da produção, tiveram diminuições em seus preços, com destaque para o arroz e a soja.

Na Tabela 3, na primeira coluna, revela-se o tamanho da redução dos preços médios internos; na segunda, está, em dólares, a variação dos preços médios internacionais; e, na terceira, a variação dos preços médios internacionais em reais (preços de fronteira)⁶. Ou seja, na Tabela 3, avalia-se a importância relativa de cada um dos dois fatores fundamentais para se entenderem os preços domésticos — preços internacionais e taxa de câmbio.

A análise da Tabela 3 mostra que os comportamentos dos preços domésticos do arroz e do milho pouca relação tiveram com o movimento dos preços de fronteira. Enquanto o preço internacional do arroz subiu 20,8% em um ano,⁷ o preço doméstico caiu 38,3%, uma diferença que a valorização cambial não explica sozinha. A outra parte da explicação reside no expressivo aumento dos estoques internos, ocasionados por duas boas safras consecutivas. No caso do milho, a queda dos preços de fronteira pode ser atribuída tanto à redução dos preços internacionais⁸ quanto à valorização cambial. No entanto, a diminuição dos estoques internos do grão em 2004/2005, consequência da diminuição de produção verificada nessa safra, ocasionou uma redução relativamente menor dos preços domésticos, de apenas 9,7%.

Já os preços domésticos da soja e do trigo são determinados quase exclusivamente pelos preços internacionais e pela taxa de câmbio. Isso se deve à maior repercussão do comércio internacional nos mer-

cados domésticos desses dois produtos. No caso da soja, parte significativa da produção nacional é exportada em forma de grãos, óleo ou farelo, fazendo com que o mercado internacional influa decisivamente sobre o nacional.

A explicação para a redução do preço recebido pelo produtor de soja brasileiro pode ser dividida em dois fatores: os preços internacionais e a valorização cambial, com predomínio desta última. O preço internacional da soja experimentou um forte crescimento a partir de setembro de 2003, atingindo seu pico em abril de 2004, como consequência da demanda exercida pela China. A reação da oferta, puxada por Estados Unidos, Brasil e Argentina, fez com que os preços cedessem. Mesmo assim, seu atual patamar é maior que os verificados entre os anos 2000 e 2003. No caso do Brasil, esse movimento de redução dos preços internacionais foi potencializado pela concomitante valorização cambial do real, fazendo com que os preços domésticos fossem mais afetados que os internacionais.

O papel da valorização cambial é ainda mais marcante no caso do trigo. Se a taxa de câmbio não houvesse variado no período, os preços domésticos do grão provavelmente teriam apresentado crescimento, pois o preço internacional subiu 4,6% no período 2004-05. Com a valorização da taxa cambial, o preço de fronteira recuou 18,9%, influenciando decisivamente o retrocesso de 16,9% nos preços internos. No caso do trigo, essa maior associação entre esses dois preços se dá pela necessidade que o País tem de importar parte importante de seu suprimento, notadamente da Argentina.⁹

⁶ O preço de fronteira refere-se ao preço pelo qual um produto poderia ser importado ou exportado. Resulta da multiplicação do preço internacional pela taxa de câmbio doméstica.

⁷ Essa elevação dos preços internacionais do arroz é explicada, fundamentalmente, pela redução dos estoques mundiais, que se vem verificando desde 2003.

⁸ O aumento dos estoques mundiais em 2005, ocasionado pelo aumento da produção mundial, puxada pelos Estados Unidos, explica a redução dos preços internacionais do cereal.

⁹ Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), no período 2004-05, a importação de trigo foi de 5,3 milhões de toneladas, para um consumo de 10,3 milhões de toneladas.

Tabela 3

Taxas de variação real dos preços médios domésticos e dos preços médios internacionais para grãos selecionados — 2004-05

(%)

GRÃOS	TAXA DE VARIAÇÃO REAL DOS PREÇOS MÉDIOS DOMÉSTICOS	TAXA DE VARIAÇÃO REAL DOS PREÇOS MÉDIOS INTERNACIONAIS EM DÓLARES	TAXA DE VARIAÇÃO REAL DOS PREÇOS MÉDIOS INTERNACIONAIS EM REAIS
Arroz	-38,3	20,8	-11,0
Milho	-9,7	-13,7	-36,8
Soja	-33,3	-14,7	-37,7
Trigo	-16,9	4,6	-18,9

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Conab.
FGV.
Emater-RS.
IPEA.

NOTA: Usou-se o período de maio a setembro como o de comercialização do arroz, do milho e da soja; para o trigo, usou-se o período de setembro a novembro. Preços atualizados pelo IGP-DI.

3 - Pecuária: apesar da febre aftosa, um bom desempenho

O ano de 2005 foi favorável à pecuária gaúcha, com crescimento tanto do volume de abate quanto das exportações. Entre janeiro e setembro de 2005, a produção de carne bovina, suína e de frango do Rio Grande do Sul, em comparação com o mesmo período do ano anterior, apresentou taxas de crescimento positivas. O destaque ficou por conta do abate de bovinos, que teve taxa de crescimento de 15,9%, bem acima da média nacional, conforme se depreende da análise da Tabela 4. A carne bovina também se destacou nas exportações, com crescimento de 42,3% nos primeiros 11 meses do ano. Mesmo assim, a participação do Estado nas vendas nacionais ao exterior não passou dos 7,8%, contra uma participação de 23,8% nas de carnes suínas e de 24,0% nas de frango.¹⁰

A má notícia do setor pecuário em 2005 foi a ocorrência de febre aftosa no Mato Grosso do Sul e no Paraná. Após a confirmação dos focos em outubro, 52 países anunciaram embargos às carnes brasileiras, dos quais oito suspenderam as importações de todo o País. A União Européia, importante comprador da carne

brasileira, impôs restrições apenas aos Estados do Mato Grosso do Sul, do Paraná e de São Paulo. Já a Rússia, o maior importador de carne do Brasil, estendeu as restrições iniciais, que abrangiam os três estados citados acima, para Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais.

O Ministério da Agricultura e Abastecimento (Mapa) divulgou, em novembro, que o prejuízo causado pela febre aftosa nas exportações deverá chegar a US\$ 1,7 bilhão no período de seis meses, durante o qual deve durar o embargo às carnes brasileiras. Desse montante, US\$ 1,1 bilhão seria de carne bovina; e o restante, de suína.¹¹ Esse cálculo poderá ser revisto, entretanto, se houver sucesso nas negociações do Governo brasileiro com os países embargantes.

¹⁰ Cálculo realizado a partir de dados brutos do MDIC/Secex.

¹¹ Conforme dados do MDIC/Secex/Sistema Alice, entre janeiro e novembro de 2005, o País exportou US\$ 2,8 bilhões de carne bovina, US\$ 3,2 bilhões de carne de frango e US\$ 1,0 bilhão de carne suína.

Tabela 4

Comparativo da produção de carne no Rio Grande do Sul e no Brasil — jan.-set. 2004-05

(t)

DISCRIMINAÇÃO	BRASIL			RIO GRANDE DO SUL		
	Jan.-Set./2004 (t)	Jan.-Set./2005 (t)	Variação %	Jan.-Set./2004 (t)	Jan.-Set./2005 (t)	Variação %
Bovinos	4 403 975	4 784 395	8,6	251 881	291 955	15,9
Frangos	5 209 177	5 826 604	11,9	843 927	904 115	7,1
Suínos	1 403 152	1 600 372	14,1	274 592	320 231	16,6

FONTE: IBGE. Pesquisa Trimestral de Abate de Animais — Resultados Mensais.

4 - A crise e seus efeitos

A agricultura do Rio Grande do Sul enfrentou sérios problemas nas últimas duas safras, principalmente na de 2004/2005, quando houve uma conjugação negativa de queda na produção e preços baixos. Mas essa crise não se restringe ao Estado, posto que a agricultura nacional, se não sofreu tanto com a estiagem, teve de enfrentar o grave problema dos baixos preços recebidos pelos produtores, fazendo com que o setor entrasse em crise após um período curto, mas intenso, de boas safras com preços altos, período em que o desempenho da soja foi o grande destaque positivo.

As causas da crise foram explicitadas nas páginas anteriores, mas não custa recuperá-las. Pelo lado da produção, aconteceu a estiagem, que afetou principalmente, mas não exclusivamente, o Rio Grande do Sul e que reduziu de forma expressiva o volume produzido no Estado, enquanto, nacionalmente, as perdas foram de menor intensidade. Pelo lado dos preços, houve a ocorrência simultânea de queda dos preços internacionais com valorização da taxa de câmbio.

A política macroeconômica, baseada em elevada taxa de juros e real apreciado, influenciou negativamente o desempenho do setor em 2005. A valorização cambial, ao afetar a renda dos produtores, prejudica os investimentos realizados com recursos próprios, além de dificultar o pagamento das dívidas do crédito rural oficial. Este, por sua vez, vincula seus empréstimos, em grande parte, a elevados juros, como resultado das altas taxas que o Banco Central impõe como instrumento preferencial de combate à inflação.

O Gráfico 1 mostra que, a partir de junho de 2004, ocorreu um descompasso entre os preços pagos e os recebidos pelo produtor gaúcho, indicando uma perda expressiva de rentabilidade. Enquanto a valorização

cambial reduziu a renda a partir de maio de 2004, os preços dos insumos, após subirem de maneira firme entre janeiro de 2003 e dezembro de 2004, fixaram-se num alto patamar.

As conseqüências da crise podem ser vistas pela observação de dois indicadores que refletem os níveis de gastos com custeio e com investimentos. Pelo lado do custeio, a entrega de fertilizantes ao consumidor final teve redução de 15,4% nos 10 primeiros meses de 2005, na comparação com o mesmo período do ano anterior. O menor uso de fertilizantes indica queda do padrão tecnológico das lavouras na safra 2005/2006, o que pode comprometer a produtividade. Quanto aos programas de investimentos do crédito rural para a safra 2005/2006, seus desembolsos entre julho e outubro de 2005 foram 42% menores que os liberados no mesmo período do ano anterior. Como exemplo da queda nos investimentos, a venda de máquinas agrícolas teve redução de 39,1% entre janeiro e novembro de 2005.



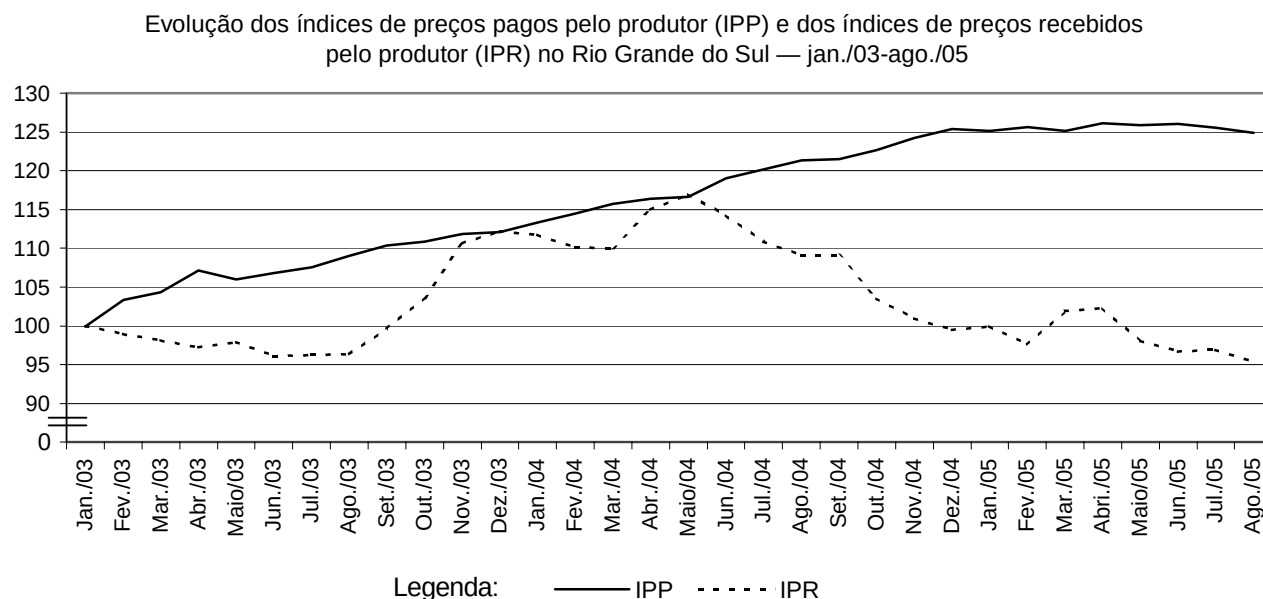
A conseqüência direta do quadro descrito acima é a descapitalização do produtor, problema que o crédito rural não é capaz de resolver. Para a próxima safra, o Governo disponibilizou R\$ 44,4 milhões para custeio, comercialização e investimento na agricultura, 12% a mais que o Plano Safra anterior. Parte desses recursos, entretanto, serão destinados ao refinanciamento da dívida referente à safra 2004/2005, indicando que o crédito novo não crescerá como o planejado. Entre julho e outubro de 2005, o valor dos desembolsos do crédito rural tinha diminuído 26,0% em relação ao mesmo período do ano anterior. Esse é mais um sinal a indicar tanto uma redução do nível tecnológico da lavoura quanto uma diminuição da área plantada, como demonstra o prognóstico de novembro do IBGE, apresentado na Tabela 5.

No caso do Rio Grande do Sul, espera-se redução de 1,0% da área plantada com grãos de verão. Os baixos preços do arroz só não determinam uma redução de área maior que a de 3,7% em virtude da existência de contratos de arrendamento. Quanto à soja, as perspectivas de preços baixos permanecem, uma vez que os estoques mundiais continuam altos, em função de uma safra norte-americana cheia e de estimativas de aumento de produção na América do Sul. A consequência é uma redução de 261,0 mil hectares de área plantada com a oleaginosa no Estado. Invertendo um movimento das safras anteriores, na safra 2005/2006, deve ocorrer uma quase perfeita substituição do cultivo de soja pelo do milho, produto cujas plantações devem agregar mais 233,0 mil hectares. O estímulo para tanto vem da esperança de melhores preços para o cereal, que teve duas safras frustradas no Estado, onde existe uma importante demanda por parte dos setores de criação de frangos e suínos. Quanto à produção, após dois anos de estiagens, são esperados aumentos expressivos da produtividade de feijão, milho e soja, fazendo com que,

mesmo se reduzindo a área plantada, a quantidade produzida de grãos de verão praticamente duplique em relação à safra passada.

Quanto ao Brasil, a área plantada deve ser reduzida em 4,1%. A área de arroz encolherá 18,7%, dado fortemente influenciado pela retração de 61,0% no Mato Grosso. Dada sua importância, a soja é o caso mais dramático, com redução de 6,1% em sua área plantada, primeira retração desde 1999. A exemplo do verificado no Rio Grande do Sul, o milho, neste caso, o da primeira safra, incorporará áreas antes ocupadas pela soja, mas de forma apenas parcial no restante do País. Esperam-se aumentos de produtividade, mais pela ausência de intempéries climáticas do que pelo uso mais intensivo de tecnologia na lavoura, redundando em aumento da produção de grãos de verão em 15,5%. Se tudo acontecer conforme o previsto, a produção de soja alcançará seu mais alto patamar histórico, mesmo passando por um momento de preços relativamente baixos, se comparados aos das duas safras imediatamente anteriores.

Gráfico 1



FONTE: FGV. Disponível em: <http://www.fgvdados.com.br>

Tabela 5

Área plantada e produção de grãos de verão no Brasil e no Rio Grande do Sul — 2005 e 2006

a) Brasil						
GRÃOS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)		
	2005	2006 (1)	Variação %	2005	2006 (1)	Variação %
Arroz	4 004 707	3 256 743	-18,7	13 232 776	11 698 199	-11,6
Feijão (1ª safra)	2 201 291	2 306 157	4,8	1 408 373	1 820 708	29,3
Milho (1ª safra)	8 981 745	9 499 235	5,8	27 187 975	34 588 282	27,2
Soja	23 413 462	21 975 475	-6,1	51 138 299	59 234 854	15,8
TOTAL	38 601 205	37 037 610	-4,1	92 967 432	107 342 043	15,5

b) Rio Grande do Sul						
GRÃOS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)		
	2005	2006 (1)	Variação %	2005	2006 (1)	Variação %
Arroz	1 055 232	1 016 526	-3,7	6 103 269	6 059 910	-0,7
Feijão (1ª safra)	92 934	93 086	0,2	69 081	110 810	60,4
Milho	1 206 119	1 439 367	19,3	1 485 035	5 524 529	272,0
Soja	4 179 272	3 918 462	-6,2	2 444 535	8 309 589	239,9
TOTAL	6 533 557	6 467 441	-1,0	10 101 920	20 004 838	98,0

FONTE: LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA — Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

(1) Previsão.

5 - Considerações finais

A safra de verão 2004/2005 do Rio Grande do Sul foi severamente prejudicada por uma forte estiagem, que atingiu principalmente, mas não exclusivamente, o Estado, impondo pesadas perdas de produção ao seu setor agrícola. Ao mesmo tempo, toda a agricultura brasileira teve de enfrentar outro problema, que foi a queda, na comparação com a safra anterior, dos preços recebidos pelo produtor. A diminuição dos preços internacionais foi, internamente, potencializada pela valorização cambial.

A consequência direta de menor produção e menores preços foi a redução da renda do produtor, deixando-o descapitalizado. Essa descapitalização, que atingiu grande parte dos produtores agrícolas nacionais, é refletida no prognóstico da safra 2005/2006, que, segundo as indicações, terá sua área de grãos de verão reduzida. Além disso, está havendo uma retração do investimento no setor, que pode comprometer, pelo menos em parte, o crescimento futuro da agricultura brasileira.

Referências

BALDI, Neila. No Sul, lavouras já ocupam área da soja. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p. B-12, 11 set. 2005.

BOLETIM DE CONJUNTURA. Rio de Janeiro: IPEA, n. 69, jun. 2005.

BOLETIM DE CONJUNTURA. Rio de Janeiro: IPEA, n. 70, set. 2005.

BOLETIM DE CONJUNTURA. Rio de Janeiro: IPEA, n. 71, dez. 2005.

LAZZARI, Martinho R. Estiagem frustra previsão de supersafra no RS. **Carta de Conjuntura FEE**, Porto Alegre, v. 14, n.1, p.1, jan. 2005.

LAZZARI, Martinho R. Trigo: a busca por um novo equilíbrio. **Carta de Conjuntura FEE**, Porto Alegre, v. 14, n. 12, p. 8, dez. 2005.

LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, out. 2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA — Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2004. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA — Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: IBGE, jul. 2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA — Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: IBGE, out. 2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA — Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

LOPES, Fernando. Homem de Melo dispara contra política macroeconômica. *Valor Econômico*, São Paulo, p. B-12, 12,13 e 14 ago. 2005.

LOPES, Fernando. Processamento de soja tem futuro incerto. *Valor Econômico*, São Paulo, p. B-12, 10 nov. 2005.

RECUPERAR mercados de carne bovina. *Revista de Agronegócios da FGV*, Rio de Janeiro, p. 21-22, nov. 2005.

ZANATTA, Mauro. "Minha marca será a marca da crise", admite Rodrigues. *Valor Econômico*, São Paulo, p. B-12, 8 nov. 2005.